

educação

DE ONDE VÊM, QUEM SÃO E O QUE SONHAM OS ESTUDANTES ESTRANGEIROS QUE CHEGAM À PÓS-GRADUAÇÃO DO INCA

Olhar estrangeiro

A cada ano é maior o número de estrangeiros que chegam de todas as partes do mundo para fazer mestrado ou doutorado no INCA. Esse crescente interesse tem relação direta com o grau de excelência obtido pelo Programa de Pós-Graduação em Oncologia do Instituto, na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), vinculada ao Ministério da Educação. Hoje, o INCA é reconhecido internacionalmente como um dos principais centros de referência em produção de conhecimento na área oncológica.

Mas quem são esses pesquisadores estrangeiros? Que tipo de pesquisa estão desenvolvendo? Por que escolheram o Instituto? Pensaram em outro país antes de se decidirem pelo Brasil? O que faziam antes? Como lidam com a questão do idioma? Sentem saudade da família? O que pretendem fazer após a conclusão do curso? Voltarão para seus países? Para responder a essas e outras perguntas, a REDE CÂNCER conversou com alguns desses alunos.

“Aqui nós temos muitas possibilidades de estudar em bons laboratórios, com diferentes linhas

Vivendo no Brasil desde 2010, Cintia estudou em São Paulo antes de vir para o INCA



de pesquisa. Essa é uma vantagem importante”, observa a biotecnóloga argentina Cintia Elisabeth Gomez Limia, que cursa doutorado no INCA. “Os professores oferecem aulas de alta qualidade para melhorar a especialização dos alunos e têm disponibilidade para acompanhá-los nas diferentes etapas da aprendizagem”, acrescenta. Cintia fez licenciatura em Biotecnologia na Argentina e já estava no Brasil desde 2011, cursando o mestrado em Biologia Funcional e Molecular na Unicamp, em Campinas (SP), quando um professor sugeriu que ela fizesse doutorado no INCA.

Enquanto isso, na Áustria, Gerhard Fuka, biólogo formado na Universidade de Viena, leu um trabalho da brasileira Maria do Socorro Pombo-de-Oliveira, e escreveu para a médica-pesquisadora do INCA falando sobre seu interesse em desenvolver um projeto de pesquisa no Brasil na área de leucemias em crianças. Marcaram, por e-mail, uma entrevista em maio de 2011, durante um congresso de Oncologia em Frankfurt, na Alemanha, e no ano seguinte ele começou o pós-doutorado no INCA. Gerhard tinha vindo ao País a passeio no verão de 2008. Depois de curtir as praias do Rio de Janeiro, Búzios e Fortaleza, voltou para a Áustria com muita vontade de morar aqui. Poucos anos depois, a perspectiva de um pós-doutorado em sua especialidade uniu o útil ao agradável.

Dois fortes motivos também fizeram com que a cubana Amelia Gutierrez Pérez viesse para o Brasil. Sua tia é professora de Medicina em Havana, capital de seu país de nascimento, mas ela optou por Bioquímica, porque se interessava desde cedo pelas pesquisas relacionadas ao câncer. Sempre teve muitos amigos brasileiros, incluindo alunos de sua tia, que lhe falavam sobre o INCA, e um estudante de Economia, por quem se apaixonou. Já estava formada e trabalhava como pesquisadora no Centro de Imunologia Molecular de Cuba, onde tinha uma trajetória profissional garantida, mas resolveu se mudar para o Rio de Janeiro, casar-se com Marcos e fazer mestrado no INCA.

UM LUGAR NO MUNDO

O idioma não foi problema para Amelia, que desde criança gostava de MPB e sabia de cor as canções de Zeca Pagodinho, Caetano Veloso e Zé Ramalho, entre outros ícones da música popular do Brasil, além de acompanhar o repertório de cantoras como Maria Rita e Vanessa da Mata. Nos tempos de universidade, a cultura brasileira estava sempre presente nas conversas com amigos. “Se



Gerhard não sabe se voltará à Áustria quando concluir o curso

havia um lugar no mundo que eu queria conhecer, era o Brasil”, diz.

Porém, ao desembarcar no Rio, sua primeira impressão não foi boa. Achou feio o trajeto pela Avenida Brasil até Seropédica, Região Metropolitana do Estado do Rio, onde morava Marcos. Espantou-se com as pichações por toda parte. Ficou chocada ao ver tantos moradores de rua e crianças pedindo dinheiro, coisas que jamais havia visto em seu país. Depois, conheceu o centro da cidade e o comércio popular; mais tarde, a Zona Sul, e o gosto pela cidade foi evoluindo. “A violência incomoda, não estou acostumada, mas o Rio tem lugares lindos. É a cidade que escolhi para viver”, comenta. Atualmente, ela e o marido moram perto do INCA.

Amelia tem muita saudade da família e do seu país. “Havana sempre estará no meu coração”, emociona-se ao lembrar. Mas está contente por fazer parte da pós-graduação do INCA. A rotina é bem

O QUE ELES PESQUISAM



AMELIA GUTIEREZ PÉREZ

País de origem: Cuba. Formada em Bioquímica pela Universidade de Havana. Fez pesquisas sobre imunoterapia contra o câncer no Centro de Imunologia Molecular de Cuba. Cursa mestrado no INCA.

Pesquisa: Como a N-glicosilação regula a expressão de proteínas componentes das uniões intercelulares em câncer colorretal (CCR). A perda das uniões intercelulares é um processo que tem sido descrito em diferentes tipos de tumores, como o CCR, e que está muito relacionado com a progressão e a malignidade tumorais. Estudar esse processo pode contribuir para o conhecimento sobre a biologia dos tumores, dando suporte para o desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas.



GERHARD FUKA

País de origem: Áustria. Formado em Biologia pela Universidade de Viena. Faz pós-doutorado em Biologia Molecular. Trabalha no Programa de Hematologia e Oncologia Pediátricos do INCA (PHOP).

Pesquisa: Subtipo de leucemia linfoblástica aguda de células precursoras B. Utilização de alterações genéticas específicas para o rastreamento de casos novos que chegam ao laboratório. Descrição de particularidades moleculares que podem influenciar a biologia dessas leucemias.

CINTIA ELISABETH GOMEZ LIMIA

País de origem: Argentina. Tem licenciatura em Biotecnologia pela Universidade Nacional do Litoral, na província de Santa Fé. Kursou mestrado na Unicamp (SP). Faz doutorado no Programa de Carcinogênese Molecular do INCA.

Pesquisa: Atualmente, o transplante de medula óssea (TMO) é a única alternativa curativa para os pacientes com mielofibrose primária (MF). A tecnologia das células-tronco pluripotentes induzidas (iPSCs), que apresentam características muito parecidas com as células-tronco pluripotentes extraídas de embriões, pode ser utilizada para geração de um modelo in vitro eficiente para estudar os mecanismos epigenéticos na MF.



corrida, e ela procura se organizar para aproveitar o tempo da melhor forma possível. Tem aulas geralmente três dias por semana e, quando não está em sala, trabalha no laboratório. Após a conclusão do mestrado, pretende começar imediatamente o doutorado, na mesma linha de pesquisa.

CENÁRIOS CARIOCAS

Grande parte da rotina de Gerhard Fuka no INCA é trabalhar na bancada, fazendo experimentos. Isso quando não está no computador, preparando seu próximo projeto, orientando um aluno de mestrado ou envolvido com os alunos do seu laboratório. O austríaco desenha projetos para os estudantes que trabalham com ele, a fim de contribuir para um entendimento melhor do câncer.

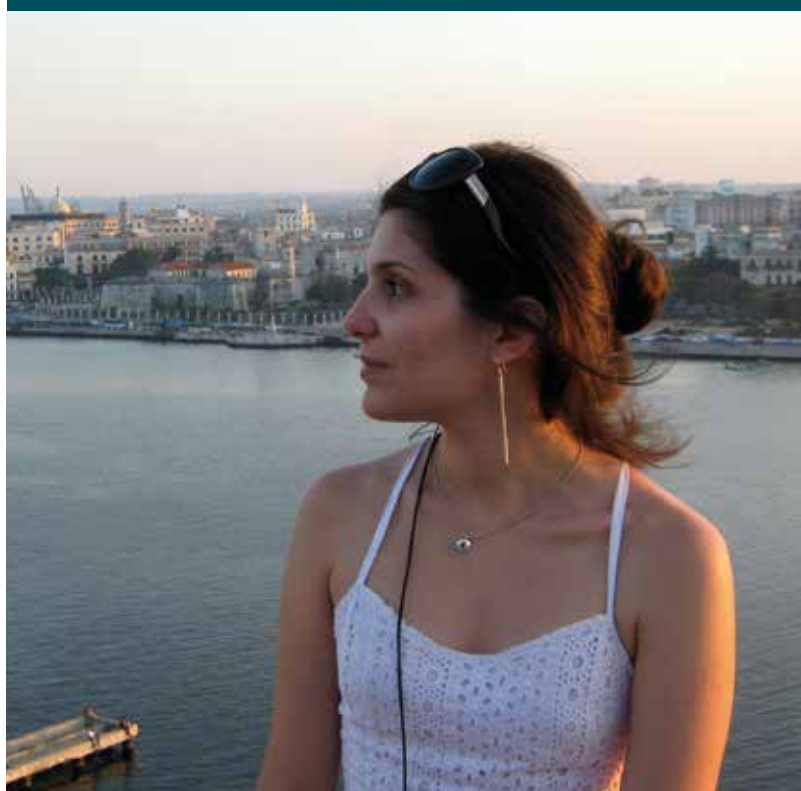
Antes de vir para o Brasil, ele estudou português em Viena durante um ano, mas a fluência no idioma só aconteceu depois de algum tempo no Rio de Janeiro. “No início, foi bem difícil entender as pessoas falando. Senti que precisaria de mais ou menos um ano para conseguir falar e entender bem”, diz ele. Tudo ficou mais fácil quando conheceu sua atual namorada brasileira, em uma animada noite na Lapa, bairro boêmio carioca, bem próximo ao Instituto.

Fuka viaja para a Áustria uma ou duas vezes por ano. “De vez em quando sinto falta da minha família, da minha cidade e de pessoas que são mais parecidas comigo”, relata. Também sente falta de pratos típicos da sua terra, como porco assado e chucrute. Aqui, aprecia um bom churrasco, mas não gosta de feijoada. Mora na região central e, nas horas de lazer, gosta de ir à praia ou fazer caminhadas em trilhas.

Após a conclusão do curso, quer continuar a trabalhar na área de pesquisa. Mas ainda não sabe se vai voltar ao seu país. “Meu prazo atual é até março de 2016, mas se tiver oportunidades profissionais no Brasil, eu fico por aqui”, garante.

FUTURO INCERTO

Para Cintia, a decisão de morar em outro país não foi fácil, principalmente por ter de ficar longe da família e dos amigos. “Sinto muitas saudades e gostaria de compartilhar momentos importantes, mas eles acompanham a distância os meus progressos e dificuldades, especialmente minha mãe”, conta. Mas ela agradece aos amigos que encontrou no Rio de Janeiro e em Campinas, que a ajudam a fazer deste período “uma experiência de lindas lembranças e muitas alegrias”.



Fã de MPB, Amelia sente falta de sua cidade natal, Havana

Morando há cinco anos no Brasil, desde 2009 Cintia aprendeu a falar português com professores da Unicamp, em um intercâmbio com sua universidade, e gostou muito do idioma e da cultura. Após essa experiência, vir estudar no Brasil – inicialmente na Unicamp, depois no INCA – tornou-se um importante desafio.

Tenta viajar uma vez por ano à Argentina, mas nem sempre consegue. Além das aulas da pós-graduação e da participação em seminários, discussões em grupos, congressos e cursos, os experimentos do seu projeto de pesquisa demandam tempo e concentração, com cuidados diários, inclusive nos fins de semana. Ainda não sabe quanto tempo ficará no Brasil, porque pretende cursar pós-doutorado e já está atenta às oportunidades.

“A globalização tem oferecido mais possibilidades de escolha para fazer estudos ou trabalhar em empresas. Portanto, tudo depende dos objetivos que temos”, acredita Cintia, ainda indefinida quanto aos próximos passos. “O Brasil sempre oferece grandes oportunidades de crescimento profissional. Por outro lado, a Argentina vem mostrando novos investimentos tanto na indústria, principalmente em Biotecnologia, quanto na área acadêmica. Voltar ao meu país sempre será uma opção.” ■